**GÊNERO E VIOLÊNCIA: UMA ANÁLISE DOS PADRÕES SOCIOCULTURAIS NAS INTERFACES COM O RELACIONAMENTO ABUSIVO**

**Bruna Souza de Oliveira**

Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO

oliv.sbruna@gmail.com

**Darlyanne da Silva Costa**

Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário Fametro –UNIFAMETRO

darlyanne.silva@gmail.com

**Narlla Andrade de Sousa**

Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário Fametro -UNIFAMETRO

narllasousa@gmail.com

**Amanda Lívia de Lima Cavalcante**

Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO

amanda.cavalcante@professor.unifametro.edu.br

**Sara Guerra Carvalho de Almeida**

Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO

sara.almeida@professor.unifametro.edu.br

**Área Temática:** Movimentos Sociais, Conflito e Direitos humanos

**Encontro Científico:** IX Encontro de Monitoria e Iniciação Científica

**RESUMO**

A violência de gênero constitui-se como um fenômeno social complexo persistente, multicausal, capaz de articular aspectos psicológicos, políticos, econômicos, morais e físicos, podendo se manifestar nos mais variados contextos na nossa sociedade. Este artigo, portanto, objetiva analisar as interfaces do relacionamento abusivo com a violência de gênero buscando compreender os padrões socioculturais que vulnerabilizam determinados gêneros ao relacionamento abusivo e as violências neste contexto. Utilizou-se uma metodologia mista de pesquisa, com técnicas qualitativas e quantitativas para a coleta e análise de dados. Teve-se como foco a análise das perguntas referentes a dados sociodemográficos, a existência de violências na relação abusiva e as reações a tais situações. As categorias de análises foram os padrões socioculturais que vulnerabilizam os gêneros ao relacionamento abusivo e a relação entre gênero e violência. Os resultados apontaram que o gênero mais vulnerável a ser vitimado por relacionamentos abusivos foram representados por mulheres cisgênero que se encontram em relacionamentos heteroafetivos. Conclui-se com esse trabalho, à necessidade de se voltar para o gênero como categoria de análise, para entender padrões que permeiam violências e comportamentos abusivos em diferentes contextos, incluindo os relacionamentos afetivos. Assim como elaborar formas de prevenção e enfrentamento aos sofrimentos provenientes de violências com base no gênero.

**Palavras-chave:** Violência de gênero; Relacionamento abusivo; Padrões socioculturais.

**INTRODUÇÃO**

Os humanos são seres sociais que precisam da interação com os outros para sobreviver, aprender e transformar a realidade. Como afirma Silva Lane (1989), o ser humano é cultura e história. Nesta perspectiva, as relações e os relacionamentos vão permeando as vidas e as páginas dos registros históricos destes que compõem as sociedades.

Durante séculos a concepção de amor em relacionamentos românticos foi construída socialmente com a premissa de que para ser digno de tê-lo e senti-lo, o sofrimento é necessário. Outra característica importante deste amor romântico, é que junto dele se construiu a ideia social de que quem ama, cuida através da punição (DE ROUGEMONT, 1988). Deste modo, relacionamentos românticos passam a naturalizar situações de sofrimentos e dores, baseada muitas vezes em uma relação de poder e objetificação do outro, sendo classificado como relacionamento abusivo (BARRETO, 2018). No qual a violência torna-se a última ferramenta pela qual o poder é exercido sobre outro (ARENDT, 1994).

Importante ressaltar que, no nosso contexto sociohistórico, o gênero da sentido às relações sociais de poder. Baseadas nas diferenças construídas e percebidas socialmente entre os sexos, nota-se que não se trata somente das diferenças entre corpos femininos e masculinos (SCOTT, 1990), mas, os gêneros baseiam-se em uma construção político-cultural de uma performance de estéticas, comportamentos e expectativas para os diferentes sexos, as quais são hierarquizadas dentro de uma forma rígida e binária. (BUTLER, 2003; SCOTT, 1990).

Estendendo a perspectiva de um levantamento feito por Diniz, Lang e Guinot (2020) reflete-se o fato de que a literatura referente a relacionamentos abusivos e principalmente violências entre parceiros íntimos, têm apresentado predominância em produções as quais enquadram a mulher como vítima.

A pertinência do tema, portanto, reside na importância de buscar compreender e desenvolver estratégias para se combater as diversas formas de violência em contextos de relacionamentos abusivos e poder pensar em novas estratégias protetivas, de prevenção e de acolhimento para as vítimas.  Sendo ainda de suma importância fomentar pesquisas científicas na área social e mostrar a importância do profissional psicólogo no cuidado e auxílio no processo de desenvolvimento psicossocial das pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Dessa forma, este trabalho objetiva analisar as interfaces do relacionamento abusivo com a violência de gênero buscando compreender os padrões socioculturais que vulnerabilizam determinados gêneros ao relacionamento abusivo e as violências neste contexto.

**METODOLOGIA**

O presente trabalho trata-se de um recorte dos dados da pesquisa intitulada: “Os fatores psicossociais do relacionamento abusivo: da permanência ao rompimento do ciclo”, aprovado pela Coética, nº 3.987.668. Para tanto, foi realizado um método misto de pesquisa, no qual, utilizou-se de técnicas qualitativas e quantitativas para a coleta e análise de dados.

Para uma combinação harmoniosa de ambas as técnicas, foi utilizado um delineamento sequencial explanatório, que tem como propósito a utilização de dados qualitativos para amparar a análise dos dados quantitativos, este delineamento baseia-se na coleta e análise de dados quantitativos, e seguidamente se tem uma coleta e análise qualitativa (GIL, 2017).

Para a coleta dos dados foi divulgado nas redes sociais (*Instagram, WhatsApp, Telegram e Twitter*) um formulário virtual com 23 perguntas. Para a análise, foram selecionadas aquelas perguntas relacionadas a dados sociodemográficos, a existência de violências nos relacionamentos vivenciados pelas pessoas que responderam a pesquisa e como elas reagiram diante de tais situações.

Foram obtidas 122 participações, onde a maioria dos participantes, 77,8%, se identificou como mulher cisgênero[[1]](#footnote-1). Quanto à sexualidade, houve uma maioria heterossexual, 52,5%, assim como na afetividade com maioria heteronormativa, 59,8%. Analisando os dados descritos é possível perceber, nesse estudo, uma quantidade significativa de relacionamentos abusivos dentro de relacionamentos heteroafetivos, no entanto, tal dado não determina recorrência ou esporadicidade dos relacionamentos abusivos entre casais dissidentes sexuais e de gênero.

Dos resultados obtidos quanto à idade dos participantes, houve uma alta participação entre jovens e jovens adultos entre 18 e 25 anos. Quanto ao grau de instrução, a pesquisa obteve como maior número, 55,7% pessoas com Ensino Superior Incompleto. Como dado de comparação e recorte racial, a pesquisa realizada identificou um total de 54,1% de pessoas brancas sendo este o maior percentual. Como um recorte de classe social também foi verificado na pesquisa no tópico de renda mensal o total de 36,1% para pessoas com renda de R$ 998,00 a R$ 2.294,00 e pessoas com renda de R$ 2.294,00 a R$ 5.998,00.

Além destes dados, também foi apresentado que do total de participantes, 57,4% são dependentes financeiramente de outra pessoa, 50% respondeu que já houve alguma situação no seu relacionamento que caracteriza como violência e 77,5% dos que responderam afirmaram não ter buscado ajuda.

Para análise qualitativa dos resultados, foi feito um levantamento bibliográfico de teóricos importantes para a temática de gênero, relacionamento abusivo e violência com base no gênero. Como por exemplo, Judith Butler, Lourdes Maria Bandeira, Hannah Arendt, dentre outros. As principais bases de dados utilizadas foram SCIELO e PEPSIC, com os descritores violência de gênero e relacionamentos abusivos.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para iniciar uma discussão sobre gênero e violência, se faz necessário entender que o termo “gênero” utilizado neste trabalho está para além de uma característica do sexo biológico, adotada pelo senso comum e pela cultura, trata-se de uma discussão quanto às associações advindas da sociedade ao feminino como algo frágil e submisso que, ainda hoje, são ideias usadas para a propagação e justificação de preconceitos que perpassam a realidade das mulheres, como a violência doméstica, por exemplo. (BANDEIRA, 2014)

A violência de gênero constitui-se como um fenômeno social complexo persistente, multicausal, capaz de articular aspectos psicológicos, políticos, econômicos, morais e físicos, podendo se manifestar nos mais variados contextos na nossa sociedade (BANDEIRA, 2014). Neste sentido, os resultados da pesquisa apontaram que o gênero mais vulnerável a ser vitimado por relacionamentos abusivos persistem sendo representados por mulheres cisgênero que se encontram em relacionamentos heteroafetivos.

O gênero nesse contexto traz consigo uma dimensão complexa marcada por diferenças biológicas, linguísticas e culturais, no qual o seu significado assume pressupostos de um corpo já diferenciado historicamente e que só passa a ser definido a partir da sua relação com o outro, pois terão sentidos opostos (BUTLER, 2003).

Quando se trata de contextos de violência marcados por relacionamentos abusivos, as perspectivas dominantes entre masculinidade e feminilidade ainda demonstram se organizar de forma persistente a partir de disputas simbólicas e materiais, no qual o patriarcado e a dominação simbólica masculina acabam compondo os pilares da violência contra a mulher (BANDEIRA, 2014).

Os resultados da presente pesquisa revelaram que boa parte dos participantes, em sua maioria mulheres, não pediram ajuda "por medo", "medo de que não acreditassem", por achar que "teria condições de lidar sozinha", por sentir que "estava indefesa", por “na época achar que era apenas cuidado/carinho/amor”, por naquele momento “não enxergar o abuso”, por “não achar que era agressão”, que aceitou por “achar que merecia aquilo”; e muitas afirmaram que só conseguiram compreender depois o que tinham passado.

Assim, é possível inferir que a dificuldade de perceber aspectos abusivos e violentos na relação persiste ainda no século da informação. Barreto (2018) classifica este como um dos pontos que contribuem para a permanência em relacionamentos abusivos, e De Rougemont (1988) levanta que essa falta de compreensão acerca de tais comportamentos, se dá com base nos séculos de construção de uma noção social de amor baseada no sofrimento, que naturalizou a permanência em contextos em que a dor é constante, seja ela física ou psicológica.

Andrade (2018) demonstra em seus estudos sobre a experiência de mulheres em relacionamentos abusivos, que é impossível delimitar com exatidão, o perfil das mulheres que vivem em situações de violências, e que os motivos que as levavam a permanecer em tais contextos, eram tão diversos e complexos quanto suas próprias subjetividades. Neste sentido, a violência de gênero pode ser direcionada tanto contra aquela pessoa que não corresponde a esses padrões, quanto às pessoas que se encaixam dentro de padrões correspondentes.

Neste contexto, é necessário refletir sobre as implicações que surgem ao identificarmos estes possíveis padrões e lógicas naturalizadas acerca da violência de gênero em relacionamentos abusivos, principalmente na medida em que compreendemos o sentido de gênero como algo construído culturalmente e que possui em si dimensões de caráter simbólico e social.

Isto porque se trata de violências com imensa carga simbólica, que além de se impor sobre outro, também a reproduz dentro e fora das relações sociais. A dominação masculina, por exemplo, é uma das inúmeras consequências desse processo de naturalização das violências de gênero que se perpetua até hoje.

Neste contexto, é de fundamental importância às redes de apoio para auxiliar as vítimas a perceberem a situação de violência e conseguirem sair destes relacionamentos os quais estão imersos. Durante a pesquisa foi observado diversos relatos de pessoas que sofreram violência dentro do relacionamento e que afirmaram não ter buscado ajuda, principalmente, devido a dependência financeira, baixa autoestima e medo da exposição social, além da dificuldade de perceber aspectos abusivos em suas relações. Por exemplo, confundindo violência com cuidado, por não enxergarem tais atitudes como agressão ou por acharem que mereciam ou que precisavam lidar com aquela situação sozinhas.

Tendo como base o que foi descrito anteriormente, pode-se observar também que através da luta em prol dos seus direitos de existir e das redes de apoio, é possível dar vazão à potência de agir dos corpos, e se movimentar diante da realidade de opressão que violenta e mata milhares de corpos femininos.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos concluir que fenômenos sobre violência de gênero e relacionamentos abusivos trazem em si implicações teóricas e empíricas atravessadas por aspectos sócio-político-culturais que ao serem tratados a partir dessa perspectiva possibilitaram que surgissem reflexões mais aprofundadas acerca do tema.

Ao relacionar os dados coletados durante a pesquisa com a construção dos conceitos de violência e gênero dentro do contexto de relacionamentos abusivos, podemos perceber como as expressões de violência de gênero vêm sendo sustentadas dentro de uma lógica normatizadora e opressiva. O que torna necessária a análise histórico cultural de tais aspectos sociais sob a luz da categoria de gênero, entendendo que os gêneros delimitam formas diferentes de ser, estar e de experienciar a vida em sociedade.

Nesta perspectiva, podemos constatar a importância das redes de apoio, de se promover discussões sobre esse assunto em todos os âmbitos como forma de ajudar as pessoas a identificarem essas violências e a buscarem ajuda, assim como também buscar desenvolver estratégias para auxiliar as vítimas que sofrem ou sofreram com situações abusivas.

Deste modo, a pesquisa além de abranger questões relevantes, também suscitou novos questionamentos para darmos continuidade no desenvolvimento de estudos acerca da temática e fomento de novas produções científicas.

**REFERÊNCIAS**

ARENDT, Hannah. Sobre a Violência. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

BANDEIRA, Lourdes Maria. **Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação.** Soc. estado. Brasília, v. 29, n.2, p. 449-469,  Aug.  2014.

BARRETTO, R. S. **Relacionamentos abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final**. Revista Gênero, v. 18, n. 2, p. 142-154, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DE ROUGEMONT, Denis. **O Amor e o Ocidente**. Segunda edição. Lisboa: Ed. Vega, 1999.

ENGEL, Magali. **Psiquiatria e Feminilidade**. In: DEL PRIORI, Mary (Org). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2006. p. 322-361

LANE, Silvia T. M. Codo, Wanderley (org). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LINS, Regina Navarro. **Novas formas de amar**. São Paulo: Planeta do Brasil, [s.d.].

MARY DEL PRIORI. **Por dentro do corpo feminino: uma viagem ao passado**. Espaço Plural, v. 11, n. 23, p. 11–19, 2010

SCOTT, Joan W. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica**. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990

SOIBET, Rachel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urban**o. In: DEL PRIORI, Mary (Org). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2006. p. 362-399

VALENTI, Jessica. **Objeto sexual: memórias de uma feminista**. Tradução: Jaqueline Damásio Valpassos. 1. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2018.

ZAPATER, Maíra. **Violência contra mulheres, violência doméstica e violência de gênero:** qual a diferença? Justificando: mentes inquietas pensam Direito. Revista Justificando, 2016.

1. É o termo utilizado para se referir ao **indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu gênero biológico.** [↑](#footnote-ref-1)